Um novo padrão de concordância de gênero em numerais nominais do português brasileiro

A novel gender concord pattern in Brazilian Portuguese nominal numerals

Fernando Valls Yoshida[1]

fevayo@usp.br

RESUMO: Este artigo explora um padrão socialmente estigmatizado de concordância de gênero a partir de numerais nominais como *milhão* (*e.g.*, *%duas milhões de pessoas*), que tipicamente é analisado como um cardinal nominal em uma configuração pseudopartitiva. Em dialetos padrão do PB, modificadores numerais concordam com o cardinal nominal, independentemente dos traços de gênero do nome que quantifica (cf. *dois milhões de meninos/meninas*). Em uma variante não padrão do PB, contudo, *milhão* não parece ter papel na concordância nominal em gênero e é o nome quantificado que na verdade determina a concordância dos modificadores numerais, apesar da maior distância estrutural (cf. *%duas milhões de meninas*). Neste artigo, argumento que os dialetos padrão e não padrão do PB compartilham essencialmente a mesma estrutura para sintagmas nominais quantificados por *milhão* e que a diferença se reduz à emergência de uma sonda para concordância na versão inovadora de *milhão*. Em suma, os desdobramentos empíricos desta discussão proporcionam uma visão única da sintaxe de pseudopartitivos derivados de cardinais e da concordância em gênero nessas estruturas.
PALAVRAS-CHAVE: cardinais nominais; concordância de gênero; pseudopartitivos; português brasileiro.

ABSTRACT: This paper explores a socially stigmatized pattern of gender concord based on nominal numerals such as *milhão* 'million' in Brazilian Portuguese (BP) (*e.g.*, *%duas milhões de pessoas* lit. two.FEM millions of people.FEM), which is typically analyzed as a cardinal noun in a pseudopartitive configuration. In standard BP, numeral modifiers concord with the cardinal noun, regardless of the gender features of the noun it quantifies (cf. *dois milhões de meninos/meninas* lit. two.MASC millions.MASC of boys.MASC/girls.FEM). In nonstandard BP, however, *milhão* has no apparent role in concord and the quantified noun is rather the one which determines concord of numeral modifiers, despite its longer structural distance (cf. *%duas milhões de meninas* lit. two.FEM millions of girls.FEM). In this paper, I argue that standard and nonstandard varieties of Brazilian Portuguese share essentially the same structure for nominal phrases quantified by *milhão* and that the difference is reduced to an emerging agreement probe feature in the innovative *milhão*. Overall, this empirical domain provides us with a unique view of the syntax of cardinal pseudopartitives and the role of gender agreement in such structures.
KEYWORDS: nominal cardinals; gender concord; pseudopartitives; Brazilian Portuguese.

Introdução

Numerais[2] como *milhão* e *dúzia* são tradicionalmente descritos como numerais nominais (Neves, 2011; Vignado, 2019; Valls Yoshida, 2024), uma vez que,

[1] Mestrando; Universidade de São Paulo – USP. Bolsista FAPESP (processos nº 2023/17997-0 e 2025/00602-8).

[2] Por simplicidade, frequentemente alterno os termos "numeral" e "cardinal" sem distinção, uma vez que as considerações que faço para cardinais frequentemente se estendem para numerais em geral. É

como nomes, (i) selecionam complementos nominais introduzidos por *de*, (ii) flexionam em número e (iii) são especificados para gênero, que se realiza em seus modificadores por concordância nominal. A comparação entre (1) e (2), abaixo, ilustra tais semelhanças.[3]

(1) a. uns[*masculino*] dois[*masculino*] sacos de lembrancinhas[*feminino*]
b. umas[*feminino*] duas[*feminino*] caixas de tomate[*masculino*]
(2) a. uns[*masculino*] dois[*masculino*] milhões de visualizações[*feminino*]
b. umas[*feminino*] duas[*feminino*] dúzias de tomate[*masculino*]

A esse respeito, este trabalho se dedica a explorar uma configuração da concordância nominal de gênero em que não se verifica a propriedade (iii): ao contrário de impor um domínio de concordância em [*masculino*], numerais como *milhão* (3a) e *milhar* (3b) são, em uma variante socialmente estigmatizada do PB,[4] "transparentes", de modo que é o nome quantificado que determina a concordância dos modificadores estruturalmente mais altos.

(3) a. % duas[*feminino*] milhões de visualizações[*feminino*]
b. % algumas[*feminino*] milhares de visualizações[*feminino*]

A questão de nosso interesse é avaliar o que está por trás da variação entre os padrões caracterizados por um ou dois domínios de concordância de gênero. Nesse sentido, é importante ressaltar que a concordância nominal em dois domínios é categórica para uma série de outros nomes, a saber, numerais nominais femininos[5] (4), numerais não cardinais (5), nomes de medida (6) e nomes semilexicais (7).

---

preciso notar, contudo, que há de qualquer forma uma diferença entre a classe de numerais em geral – que inclui ordinais (*e.g.*, *terceiro*), multiplicativos (*e.g.*, *triplo*), coletivos (*e.g.*, *trio*) etc. – e sua subclasse de cardinais (*e.g.*, *três*).

[3] Os rótulos [*masculino*] e [*feminino*] têm aqui apenas valor descritivo. Adiante, argumento que [*masculino*] corresponde ou à realização do traço [-FEM] ou à ausência de traços de gênero, ao passo que [*feminino*] se relaciona à marcação de [+FEM].

[4] O estatuto minorizado, não padrão, dessa variante se faz notar, por exemplo, pela profusão de guias normativos pregando pela concordância "correta" de *milhões* (cf. "Veja como fazer a concordância correta com 'milhões'". Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/duvidas-portugues/veja-como-fazer-a-concordancia-correta-com-milhoes/. Acesso em: 12 mar. 2026). Espera-se, na continuidade deste trabalho, desenvolver uma caracterização sociolinguística mais aprofundada desse fenômeno.

[5] Por "feminino", aqui se entendem aqueles numerais que determinam concordância em [*feminino*] nos dialetos padrão do PB (*e.g.*, *dúzia*, *dezena*, *centena etc.*).

Portanto, há algo de excepcional na possibilidade de marcar apenas um domínio de gênero, problema que nos propomos avaliar.

(4) a. algumas[*feminino*] dúzias[*feminino*] de tomates[*masculino*]
b. * alguns[*masculino*] dúzias de tomates[*masculino*]
(5) a. dois[*masculino*] terços[*masculino*] da população[*feminino*]
b. * duas[*feminino*] terços da população[*feminino*]
(6) a. vários[*masculino*] metros[*masculino*] de lã[*feminino*]
b. * várias[*feminino*] metros de lã[*feminino*]
(7) a. um[*masculino*] monte[*masculino*] de figurinhas[*feminino*]
b. * uma[*feminino*] monte de figurinhas[*feminino*]

Neste artigo, priorizo a análise de *milhão*, tendo em vista as duas configurações de concordância nominal que esse cardinal nominal admite (2a, 3a), deixando para futuros trabalhos a comparação entre esse numeral e outros que apresentam variação semelhante (*e.g.*, *bilhão*, *trilhão*, ..., *milhar*).

O trabalho está organizado da seguinte maneira. Na Seção 1, argumento que a variação não reflete uma mudança estrutural na sintaxe de *milhão* e defendo que em ambas as variantes *milhão* toma um DP complemento, em uma configuração de DPs encaixados. No sentido da análise, evoco na Seção 2 aparatos técnicos da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993, *et seq.*) e de implementações formais da concordância nominal (Norris, 2014; *i.a.*) para propor que a versão inovadora de *milhão* é caracterizada por uma sonda de concordância de gênero, que permite conectar dois domínios em uma única extensão de gênero. Finalmente, a Seção 3 encerra o trabalho com questões residuais e encaminhamentos para investigações futuras.

1. A sintaxe de *milhão*

1.1 Constituência

Antes de investigar diretamente os diferentes padrões de concordância delineados na *Introdução*, interessa estabelecer algumas propriedades distribucionais dos constituintes de forma [MODIFICADOR *milhão de* NOME].

Notadamente, tais sintagmas são uma instância de configuração *N-de-N* (ou, do inglês, *N-of-N*; também referida como *binominal*), para a qual há uma extensa e desenvolvida literatura (cf. Selkirk, 1977, para um trabalho seminal, e Alexiadou *et al.*, 2007, para uma revisão). Nesse sentido, uma pergunta tradicional é se [*de* NOME] tem estatuto de constituinte. Essa questão se coloca diante da possibilidade de [MILHÃO *de* NOME] ser derivado como um sintagma predicativo, em que *de* é uma instância de cópula nominal (8), à maneira de Corver (1998), den Dikken (2006), entre outros.

(8) **Hipótese da predicação nominal**

[$_{FP}$ [$_{NP}$ *milhões*$_j$][$_{F'}$ [$_{F+Xi}$ *de*][$_{XP}$ [$_{NP}$ *pessoas*][$_{X'}$ [$_{X}$ t_i] [$_{NP}$ t_j]]]]]

Uma hipótese alternativa é aquela delineada em (9), em que *milhão* é um núcleo nominal que toma um XP por complemento. A respeito do rótulo específico de XP, as principais opções a serem consideradas são XP ser um PP (Jackendoff, 1977; Abney, 1987; *i.a.*), em que *de* é analisado como uma preposição (*i.e.*, [$_{P}$ *de*]); ou XP ser um DP (Grimshaw, 2007; Norris, 2014; Giusti; Cardinaletti, 2024; *i.a.*) pleno, com *de* sendo a realização de Caso inerente (Kato; Nunes, 2008; Nunes, 2008).[6]

(9) **Hipótese do núcleo nominal**

[$_{NP}$ [$_{N}$ *milhões*][$_{XP}$ *de* [$_{NP}$ *pessoas*]]], com XP sendo um PP ou um DP.

Note que as hipóteses (8) e (9) fazem previsões distintas a respeito da constituência dos sintagmas sob investigação: [*de* NOME] é um constituinte independente apenas sob (9). Adiante, apresento evidências que sustentam essa análise de constituência, em favor da hipótese do núcleo nominal (9) e em tensão com o que prevê a hipótese da predicação nominal (8).

Um primeiro indício do estatuto de constituinte do segmento [*de* NOME] é que ele pode ser deslocado à esquerda em ambas as variantes do PB (10). Crucialmente, sob a hipótese em (8), o nome quantificado é gerado em Spec, XP e não forma com [$_{X}$ *de*] um constituinte a ser movido – daí serem inesperados os deslocamentos

[6] Outra opção ainda é *de* realizar algum operador abstrato DE (Espinal; Cyrino, 2022), um modificador do núcleo determinante D responsável pela interpretação indefinida dos complementos de numerais como *milhão*. Neste artigo, não me parece claro como comparar essa análise a uma proposta em termos de Caso inerente, como a que sugerem Kato e Nunes (2008) e Nunes (2008), entre outros. Reservo a trabalhos futuros um aprofundamento dessa questão.

observados. Note, ainda, que na posição *ex situ* a marca *de* é opcional, o que retomamos na Seção 1.2.

(10) a. O Brasil tem quarenta milhões de alunos.
[(De) professores]$_i$, são apenas dois milhões *ec*$_i$.
b. A Austrália tem vinte e seis milhões de habitantes.
% [(De) vacas]$_i$, são mais de duas milhões *ec*$_i$.

Evidência adicional do estatuto de constituinte vem do fato de que segmentos de forma [*de* NOME] são alvos possíveis de elipse (indicada entre colchetes angulares, *i.e.*, ⟨...⟩), como indicam os dados em (11). Novamente, as variantes do PB não diferem quanto a essa possibilidade, sugerindo que sua diferença não se reduz a um contraste sintático.

(11) a. A Maria tem três milhões [de inscritos] e o João tem dois milhões ⟨de inscritos⟩.
b. % A Maria tem três milhões [de figurinhas] e o João tem duas milhões ⟨de figurinhas⟩.

Finalmente, observemos como o sintagma [*de* NOME] pode ser modificado não só por adjetivos adjuntos ao NP (12) – que, a princípio, podem ser derivados por ambas as análises estruturais – mas também por modificadores estruturalmente mais altos, isto é, especificadores de núcleos funcionais na projeção de NP (Cinque, 2010). Observe que a hipótese do núcleo nominal, mas não a da predicação nominal, prevê uma projeção estendida completa a partir do nome quantificado (*i.e.*, até DP, sendo ele coberto por uma camada P ou não). Assim, a primeira hipótese, mas não a segunda, acomoda a possibilidade de modificadores estruturalmente mais altos. Uma vez mais, as variantes padrão e não padrão se assemelham nesse quesito.

(12) a. alguns milhões de pessoas desempregadas
b. % algumas milhões de pessoas desempregadas

(13) a. dois milhões de outras sugestões[7]
b. % algumas milhões de outras pessoas[8]

Em suma, partindo da comparação entre uma análise de predicação nominal (8) e uma análise de núcleo nominal (9), argumento haver evidência para o estatuto de constituinte dos segmentos de forma [*de* NOME], o que favorece esta segunda hipótese. Adicionalmente, todos os diagnósticos aqui empregados são indiferentes à variação no perfil de concordância em gênero, o que interpreto como informativo do estatuto não distribucional dessa variação. Antes de abordá-la diretamente, exploramos na próxima seção o estatuto de *de*, de modo a avaliar se *milhão*, um núcleo nominal tomando um complemento XP, seleciona PPs ou DPs como argumentos.

1.2 O estatuto de *de*

No que compete à caracterização de *de* como uma preposição (*i.e.*, [$_{P}$ *de*]) ou como uma marca de Caso inerente (cf. Kato, 2008; Kato; Nunes, 2008), consideremos inicialmente a comparação entre PPs genuínos em configuração partitiva (14a) e os XPs em investigação (14b).

(14) a. dois milhões [$_{PP}$ d-[$_{DP}$ os eleitores brasileiros]]
b. dois milhões [$_{XP}$ de eleitores brasileiros]

Primeiramente, PPs partitivos são formados a partir de DPs com artigos definidos realizados (*viz.*, a forma fundida *dos*, derivada a partir de [$_{P}$ de] e [$_{D}$ os]), em contraste com os XPs pseudopartitivos. Além disso, PPs e XPs contrastam semanticamente: a respeito da quantidade de indivíduos quantificada por *dois milhões* em (14), (14a) pressupõe um limite superior (*i.e.*, que há um grupo de eleitores brasileiros, a respeito do qual se faz referência apenas a um subconjunto de 2.000.000), enquanto para (14b) não há tal pressuposição associada (cf. Belletti, 1979).

[7] Exemplo extraído de: https://educacaointegral.org.br/reportagens/brasil-deve-fazer-para-todos-os-dias-sejam-dia-professor/. Acesso em: 13 mar. 2026.
[8] Exemplo extraído de: https://maternidadeespecial.blogspot.com/2013/03/post-comemorativo-tiago-e-seus-olhos.html. Acesso em: 13 mar. 2026.

Ainda, XPs não podem ser coordenados com PPs partitivos (15), o que Milner (1978) toma como evidência para a hipótese de que não pertencem à mesma categoria.

(15) * Milhões [$_{XP}$ de professores] e [$_{PP}$ dos alunos] participaram do protesto.

Neste ponto da discussão, dados de deslocamento do nome quantificado à esquerda (10) tornam-se relevantes novamente. Como indicado na Seção 1.1, *de* é apenas opcionalmente marcado nos constituintes deslocados, ao contrário de quando *in situ*, caso em que é obrigatório (16).

(16) a. A Austrália tem 2 milhões *(de) vacas.[9]
b. [(De) vacas]$_i$, a Austrália tem 2 milhões *ec*$_i$.

Contudo, como apontam Cardinaletti e Giusti (1992) para numerais do italiano, a opcionalidade de *de* se desfaz em configurações que exigem tópicos suspensos (ver Cinque, 1990), isto é, NPs topicalizados que são gerados diretamente na periferia esquerda (em oposição a atingirem essa posição via movimento). Nesses casos, a ausência de *de* é preferida à sua presença. Em PB, o exemplo em (17) ilustra um caso em que (i) a preferência é pela não marcação de *de* e (ii) o NP topicalizado tem de ter sido gerado na base, uma vez que, por movimento, não poderia ter cruzado a barreira imposta pela ilha indicada.

(17) (Tinha poucas pessoas torcendo no estádio, mas...)
[(??De) pessoas assistindo pela TV]$_i$, o IBOPE divulgou um [$_{ILHA}$ relatório dizendo que eram mais de 2 milhões *ec*$_i$].

A respeito de contrastes como esse, as autoras[10] defendem que *de* não é opcional, mas na verdade representa duas alternativas derivacionais: a geração de um NP topicalizado na base (*de* não realizado) e o movimento de um constituinte (marcado por *de*) para a periferia esquerda.

[9] O uso do algarismo "2" subespecifica o gênero do numeral *dois*/*duas* e é empregado sempre que não houver distinção relevante entre os exemplos lidos no dialeto padrão ou no dialeto não padrão.
[10] Ver Giusti e Cardinaletti (2024), para uma revisão recente.

Observe, ainda, o contraste desse padrão com aquele observado para PPs verdadeiros. Em primeiro lugar, apesar de poderem se mover como tópicos, PPs, ao contrário dos complementos de *milhão* em (17), realizam a preposição *de* categoricamente (18a). Em segundo lugar, o deslocamento de um tópico PP é agramatical se sujeito a restrições de ilha (18b) e, ao contrário do que se observa em (17), omitir *de* não salva a má formação. Essa diferença é capturada se restringirmos a derivação de tópicos suspensos a NPs, em vez de PPs (Lacerda, 2020, p. 218–219).

(18) a. [*(De) madeira de jatobá]$_i$, eu tenho uma cadeira *ec*$_i$ linda.
b. * [(De) madeira de jatobá]$_i$, eu tenho um [$_{\text{ILHA}}$ amigo que tem uma cadeira *ec*$_i$ linda].

Preliminarmente, podemos então estabelecer que os constituintes de tipo XP sob investigação contrastam com PPs morfologicamente (PPs se associam a DPs em que se realiza o artigo definido em D), semanticamente (PPs pressupõem um limite superior) e sintaticamente (PPs realizam categoricamente *de ex situ* e, ao contrário de XPs, não alternam com tópicos flutuantes).

Uma possibilidade de análise para esse contraste é propor que XPs são DPs marcados para Caso inerente, que se realiza como *de*. Essa análise se inspira no tratamento de Kato e Nunes (2008) e Nunes (2008) para verbos como *gostar* que, assim como *milhão*, exigem a realização de *de in situ* (19a), que se torna opcional em constituintes deslocados (19b), exceto quando violando restrições de ilha (19c). Nesse sentido, a marca *de*, vista como realizando Caso inerente, reflete uma particularidade lexical de certos verbos (*e.g.*, *gostar*) e nomes (*e.g.*, *milhão*) no licenciamento de DPs complementos.

(19) a. O João gosta *(de) quem?
b. (De) quem que o João gosta?
c. [(*De) que autor]$_i$ que você não encontrou uma só pessoa que gostasse *ec*$_i$?

[Adaptado de Nunes (2008, p. 142–144)]

Em suma, partindo dos resultados da Seção 1.1, que levam a ver *milhão* como um núcleo nominal selecionando um complemento XP, defendo nesta seção que tal constituinte deve ser não um PP, mas um DP, marcado por Caso inerente, realizado

como *de*. Por um lado, os complementos de *milhão* apresentam contrastes morfológicos, semânticos e sintáticos com PPs genuínos, o que interpreto como excluindo a possibilidade de *de* ser uma preposição verdadeira nos casos de interesse. Por outro, os dados apresentados são consistentes com análises de DPs marcados por Caso inerente no domínio verbal (Kato; Nunes, 2008; Nunes, 2008), a notar pelas semelhanças com o comportamento de verbos como *gostar*.

1.3 Assimetrias não previstas: modificadores singulares e elipse nominal

Contrariamente ao que foi desenvolvido até este ponto, há assimetrias entre as variantes padrão e não padrão, que emergem diante de dois parâmetros inusitados: o valor de número dos modificadores de *milhão* e a elipse nominal. Este trabalho é incapaz de oferecer uma análise dessas diferenças e, nesta seção, apresento os contrastes e sugiro encaminhamentos para futuras investigações.

Primeiramente, é interessante notar que, por mais que ambas as variantes aceitem diversos tipos de modificadores marcados no [*plural*] (20), a variante não padrão marcadamente rejeita modificadores em [*singular*] (21b).

(20) a. {uns / alguns / estes / os} milhões de visualizações
b. % {umas / algumas / estas / as} milhões de visualizações
(21) a. {um / algum / este / o} milhão de visualizações
b. {??uma / *alguma / *esta / *a} milhão de visualizações

Em segundo lugar, a hipótese de que *milhão* é um núcleo nominal que toma um DP complemento e que desencadeia sua própria projeção funcional levanta a previsão de que há dois domínios de elipse nominal:[11] tanto [*de* NOME] quanto [*milhão de* NOME] seriam alvos potenciais de elipse. Ainda que essa primeira possibilidade se verifique (11), a segunda falha na variante não padrão (22b).[12]

[11] Ainda que os detalhes técnicos da implementação da elipse não sejam cruciais aqui, podemos assumir com Merchant (2001) que a elipse nominal é licenciada por núcleos Num marcados com traços-[E]. Sob a hipótese de DPs encaixados que estamos considerando (Seções 1.1 e 1.2), cada uma delas possui sua própria camada NumP responsável pela definição de domínios para elipse.

[12] Os julgamentos em (20–23) foram coletados de maneira não sistemática com falantes de São Paulo e Pernambuco, na faixa etária de 15 a 30 anos e de alta escolaridade (ensino superior incompleto ou completo). O esclarecimento do perfil sociolinguístico por trás dos julgamentos reportados é relevante pois uma/um parecerista anônima/anônimo consultou falantes da Zona da Mata mineira e indicou que as interpretações associadas à elipse de [*milhão de* NOME] são aceitas nestes dialetos. Essa observação se alinha à hipótese de identidade estrutural entre as variantes padrão e não padrão

(22) a. A vencedora ganhou três milhões de reais e o vice ganhou dois $\emptyset_i$.

OK $[\![\emptyset_i]\!] = [\![milhões\ de\ reais]\!]$

?? $[\![\emptyset_i]\!] = [\![reais]\!]$

b. A vencedora ganhou três milhões de libras e o vice ganhou duas $\emptyset_i$.

* $[\![\emptyset_i]\!] = [\![milhões\ de\ libras]\!]$

?? $[\![\emptyset_i]\!] = [\![libras]\!]$

Sobre esse segundo contraste, duas observações são relevantes. Por um lado, como ilustra (23), a elipse de [*milhão de* NOME] é malformada mesmo quando o contexto favorece a leitura quantificada por *milhão* e quando há identidade total entre o antecedente e o alvo da elipse.

(23) Em Manaus moram duas milhões de pessoas e em BH moram duas $\emptyset_i$ também.

* $[\![\emptyset_i]\!] = [\![milhões\ de\ pessoas]\!]$

?? $[\![\emptyset_i]\!] = [\![pessoas]\!]$

Além disso, o efeito apresentado em (22b) não parece decorrer de alguma interação geral entre a elipse nominal e a concordância de gênero. A esse respeito, o exemplo em (24) representa um caso em que o nome de medida feminino (*viz.*, *caixa*) pode ser alvo de elipse junto ao nome, mesmo determinando concordância em [*feminino*] no cardinal órfão (*i.e.*, "sobrevivente" da elipse) *duas*.[13]

---

defendida neste artigo, como ela/ele também pontua. De forma geral, essas considerações justificam não só a realização de um estudo sociolinguístico mais aprofundado sobre o fenômeno (cf. nota de rodapé 4), mas também, particularmente, a inclusão de variáveis independentes ligadas à escolha de diferentes modificadores (20–21) e à possibilidade de elipse (22–23), uma vez que também essas variáveis parecem estar sujeitas à variação.

[13] Como uma/um parecerista anônima/anônimo indicou, a leitura em que o nome mais encaixado (*i.e.*, *barrinhas*) é o antecedente para a elipse é degradada, o que foi confirmado a partir da consulta com mais falantes. A esse respeito, duas observações são pertinentes. Em primeiro lugar, esse padrão contrasta com aqueles obtidos a partir de *milhão*: se a leitura associada à interpretação do constituinte principal (*i.e.*, [*caixas de barrinhas*]) como antecedente para a elipse é favorecida em (24), então é ainda mais surpreendente que essa leitura seja rejeitada em (22b) e (23) – ao menos para algumas/alguns falantes (cf. nota de rodapé 12). Em segundo lugar, fatores pragmáticos parecem estar por trás da rejeição da segunda leitura em (24): a partir do foco contrastivo em (i) – que, por hipótese, não afeta a estrutura subjacente, idêntica àquela em (24) – [*barrinhas*] fica mais saliente como antecedente para a elipse.

(i) O João comprou três CAIXAS de [barrinhas]$_i$ e a Maria comprou só DUAS $\emptyset_i$.

(24) O João comprou três caixas de barrinhas e a Maria comprou duas $\emptyset_i$.

OK $[\![\emptyset_i]\!] = [\![caixas\ de\ barrinhas]\!]$

?? $[\![\emptyset_i]\!] = [\![barrinhas]\!]$

Neste ponto da investigação, não é claro como a especificação morfossintática de *milhão* na variante não padrão (cf. Seção 2.2 para uma implementação) interage com os fatores descritos nesta seção, a saber, o número (singular) dos modificadores de *milhão* e a elipse nominal de [*milhão de* NOME]. Cabe apenas notar que ambas as restrições podem estar ligadas a fatores de produtividade da variante não padrão, que parece selecionar núcleos Num necessariamente marcados em [*plural*] e não marcados para a elipse (cf. nota de rodapé 11). A natureza dessa restrição, contudo, ainda precisa ser investigada pela literatura na sequência deste trabalho.

1.4 Síntese dos resultados preliminares

Esta seção se dedica a três principais questões no que diz respeito à sintaxe de *milhão*, a saber, (i) se os segmentos de forma [*de* NOME] são constituintes, (ii) se *de* realiza uma preposição verdadeira ou uma marca de Caso inerente e (iii) se a variação nos perfis de concordância nominal apresentados na *Introdução* se reduz a uma diferença distribucional. Tomados em conjunto, os resultados aqui desenvolvidos são capturados pela descrição estrutural em (25), em que (i) [*de* NOME] é um DP, selecionado pelo núcleo nominal *milhão* (ii) que lhe atribui Caso inerente, realizado como *de*, (iii) de forma uniforme em ambas as variantes de interesse.

(25) **Análise estrutural de DPs quantificados por *milhão***

$[_{DP}\ [\text{MODIFICADORES}\ [_{NP}\ [_{N}\ \textit{milhões}][_{DP}\ \textit{de}\ [_{NP}\ \text{NOME}]]]]]$

Para os efeitos deste trabalho, tratamos as assimetrias entre as variantes no que compete (i) ao valor de número dos modificadores de *milhão* e (ii) à possibilidade de elipse nominal como restrições impostas pela especificação morfossintática da versão inovadora de *milhão*, deixando para futuros trabalhos a tarefa de qualificar esses fatores.

2. O papel de *milhão* na concordância nominal

Partindo da análise estrutural em (25), nesta seção passamos a considerar a maneira com que *milhão* interage com a concordância nominal, de modo a lidar com a variação entre um ou dois domínios de concordância de gênero. Para isso, a Seção 2.1 estabelece as ferramentas de análise necessárias para, na Seção 2.2, defendermos a hipótese de que a variante não padrão é caracterizada por uma sonda de concordância de gênero em *milhão*, responsável por unificar os domínios de concordância dos dois DPs em (25).

2.1 Ferramentas de análise

2.1.1 Morfologia Distribuída

Neste artigo, assumo uma organização da arquitetura da Gramática nos termos do modelo da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993; *i.a.*; doravante, MD), como a que se ilustra na Figura 1.

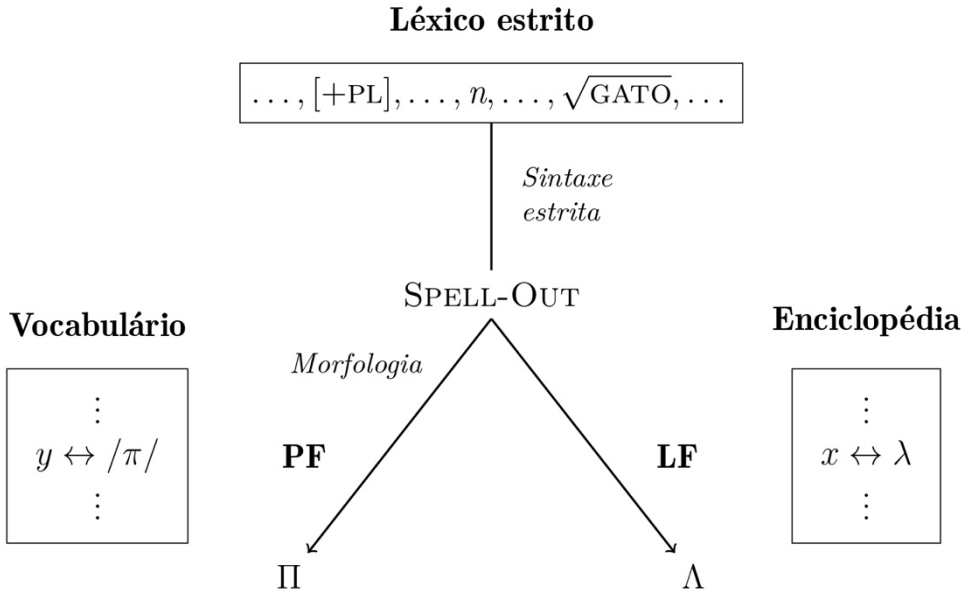


Figura 1: A arquitetura da Gramática segundo a MD

Nesse modelo de Gramática, a noção tradicional de léxico é dividida em três listas distintas, não gerativas. O *léxico estrito* consiste em um conjunto de feixes de traços abstratos – os *morfemas* –, incluindo núcleos funcionais (*e.g.*, [+PL]) e

categorizadores (*e.g.*, *n*), mas também raízes (*e.g.*, √GATO). Morfemas são os únicos objetos primitivos manipulados pela sintaxe estrita. Toda informação substantiva fonológica ou semântica é acessada somente no nível das interfaces, a saber, a Forma Fonológica (PF) e Forma Lógica (LF), respectivamente. Cada uma dessas interfaces tem à disposição um conjunto de regras de correspondência entre terminais sintáticos e informação substantiva, seja fonológica (no caso dos *itens de vocabulário*, armazenados no chamado *Vocabulário*) ou semântica (para as *entradas enciclopédicas* da *Enciclopédia*). Particularmente para o componente de PF, regras do componente da *Morfologia* podem interagir com o *output* da sintaxe, motivadas por restrições de boa formação morfológica.

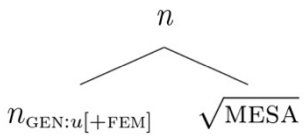
Para o caso de gênero, em específico, assumo a hipótese de Kramer (2015) de que traços de gênero são especificações de núcleos categorizadores nominais n^o. Sobre a especificação desses traços, Kramer (2015) acompanha uma extensa literatura minimalista no tratamento de traços-φ (cf. Chomsky, 2001, *et seq.*) ao assumir que traços de gênero podem ser interpretáveis (*e.g.*, em *menin-a*) ou não interpretáveis (*e.g.*, em *mes-a*), dependendo de seu efeito na interpretação em LF (cf. Adamson, 2025). De acordo com Pesetsky e Torrego (2007), ainda, traços podem ser valorados ou não valorados, sendo que traços não valorados engatilham um mecanismo de compartilhamento de traços que lhes atribui um valor (cf. Seção 2.1.2).

(26) Sabores de *n* e traços de gênero (Kramer, 2015)
   a. $n_{\text{GEN:}i[+\text{FEM}]}$ é núcleo de nomes interpretáveis femininos
   b. $n_{\text{GEN:}i[-\text{FEM}]}$ é núcleo de nomes interpretáveis masculinos
   c. $n_{\text{GEN:}u[+\text{FEM}]}$ é núcleo de nomes não interpretáveis femininos
   d. *n* é núcleo dos demais nomes

Como uma ilustração das ferramentas analíticas da MD apresentadas, consideremos a derivação do nome *mesa* em (27). Por se tratar de um nome simples, a derivação toma a forma de um núcleo categorizador *n* selecionando uma raiz abstrata √MESA. O fato de que *mesa* é um nome feminino não interpretável (*i.e.*, determina concordância nominal feminina – cf. *a mesa bonita* –, mas não se interpreta socioculturalmente como feminina) é capturado a partir da especificação de *n* com um traço GEN:*u*[+FEM]. Note que a realização fonológica da raiz √MESA

como /mez/ (27b) depende da especificação de *n*, de forma que qualquer outra instância de *n* impediria a realização desta raiz (cf. **o meso bonito*).

(27) a. Sintaxe:



b. Vocabulário:

√MESA ↔ /mez/

$n_{\text{GEN:}u[+\text{FEM}]}$ ↔ /a/[14]

c. Enciclopédia:

√MESA ↔ $\lambda x.\text{MESA}(x)$

Na próxima seção, voltamos nossa atenção a como os traços de gênero, introduzidos na derivação a partir de *n*, passam a se realizar em diferentes pontos do sintagma nominal.

2.1.2 Espraiando traços-φ: percolação e concordância

Uma vez que a realização de gênero em modificadores de numerais nominais não é interpretada em LF (cf. Pesetsky; Torrego, 2007), não é imediatamente claro se devemos tratá-la como um fenômeno sintático ou morfológico. Em verdade, há um debate em curso na literatura em MD se fatos de concordância nominal devem ser tratados em termos de uma operação sintática AGREE, em termos de operações definidas na Morfologia ou, ainda, como fruto de um trabalho conjunto entre a sintaxe estrita e PF *lato sensu* (cf. Carstens, 2000; Norris, 2014; Schäfer; Anagnostopoulou, no prelo, para uma revisão).

Para os presentes propósitos, assumo o modelo de Norris (2014) de compartilhamento de traços-φ. Em particular, o autor distingue a noção clássica de concordância (em inglês, *agreement*) – associada à concordância entre verbos e nomes, por exemplo –, da concordância que se caracteriza pela pulverização de traços em um mesmo sintagma (em inglês, *concord*) – o que contempla, por exemplo, o espraiamento de traços do nome para seus (potencialmente múltiplos)

[14] É amplamente conhecido o fato de que, em línguas como o PB, gênero (*e.g.*, [+FEM]) e vogal temática (*e.g.*, /a/) não se relacionam de forma biunívoca, contrariamente ao que sugere o item de vocabulário em (27b). De modo a acomodar esses contrastes, regras morfológicas adicionais são necessárias para mediar a relação entre gênero e expoentes fonológicos (para representantes dessa discussão na literatura em MD, ver, entre muitos outros, Halle, 1994; Alcântara, 2010; Armelin, 2014; Kramer, 2015). Contudo, tais regras trazem uma complexidade independente dos problemas a que se dedica este trabalho, motivo pelo qual mantenho uma análise simplificada da realização de gênero, para facilitar a exposição.

modificadores. Por um lado, a concordância verbal (28) se caracteriza por um único núcleo (*e.g.*, o núcleo T, na projeção estendida do verbo) que sonda traços valorados em um domínio externo (para o exemplo em questão, o DP em Spec, TP), em configurações dependentes de Caso. Por outro, a concordância nominal (29) é mais bem caracterizada como a proliferação de traços para um conjunto variado de elementos (*e.g.*, núcleos, especificadores e adjuntos no domínio nominal), sem dependência de Caso (Norris, 2014, p. 102–103).

(28) **[As corinthianas]$_{[+PL]}$** fizeram$_{[+PL]}$ a festa no estádio palmeirense.
(29) as$_{[+FEM]}$ duas$_{[+FEM]}$ **[jogadoras]$_{[+FEM]}$** corinthianas$_{[+FEM]}$

Concretamente, consideremos a definição de AGREE em (30), alinhada com uma abordagem de concordância como compartilhamento de traços (cf. Pesetsky; Torrego, 2007, para discussão).

(30) AGREE (Pesetsky; Torrego, 2007)
Seja X um núcleo com um traço F não valorado (*i.e.*, X{F:[_]}) e YP um constituinte com um valor marcado para F (*i.e.*, YP{F:[α]}). Substitua F:[_] em X por F:[α] se, e somente se:
a. X c-comanda YP;
b. Não há nenhum alvo potencial ZP entre X e YP.

No que compete à concordância nominal, a intuição principal de implementações como as de Norris (2014) e Grabovac (2022) é a de que traços percolam tão alto quanto podem e então se realizam maximamente nos núcleos que dominam. O primeiro componente dessa análise, a percolação de traços, é um recurso sintático independentemente motivado, que, em princípio, não tem conexão direta com sua realização morfológica.

(31) Princípios de percolação de traços (Norris, 2014)
a. Toda projeção de X^0 é especificada para os mesmos pares traço-valor para os quais X^0 está especificado;
b. Seja XP uma projeção valorada para F por α (*i.e.*, XP{F:[α]}) e Z um núcleo não especificado para F. Se XP e Z pertencem à mesma projeção

estendida e são concatenados projetando ZP, então F:[α] percola a ZP (XP{F:[α]}).

A partir das estruturas hierárquicas de traços abstratos produzidas pela sintaxe, diferentes *loci* de concordância nominal são, na derivação no ramo de PF, marcados com nós de concordância AGR, inseridos de acordo com o esquema geral em (32).

(32) Inserção de nó AGR (Norris, 2014)

X → [X AGR], em que AGR é um feixe de traços não valorados.

Note que esse modelo prevê variação entre as línguas no que se refere a quais nós X recebem nós de concordância AGR. Para o PB, em particular, podemos assumir que nós AGR são inseridos minimamente em quantificadores, determinantes, cardinais, adjetivos e particípios (33), com especificações de concordância em gênero e número.

(33)

tod-as	as	du-as	glorios-as	vitórias	conquistad-as
Q-AGR	D.AGR	Card-AGR	A-AGR	N	V-Part-AGR

Uma vez inseridos, nós AGR não valorados podem então ser valorados mediante condições de licenciamento apropriadas (34). Crucialmente, a falha na aplicação de CÓPIA DE TRAÇOS não leva à má formação da estrutura resultante, mas à realização da *concordância default*, isto é, a não realização de traços marcados de AGR.

(34) CÓPIA DE TRAÇOS (Norris, 2014)

Seja Z um núcleo AGR e XP uma projeção. Para cada traço não valorado F:[_] em Z, copie os traços de XP para Z se, e somente se:

a. XP for valorado para F – *i.e.*, existe algum α tal que XP{F:[α]};
b. XP inclui Z;
c. Não há nenhum YP dominando Z e dominado por XP que satisfaça as duas condições anteriores.

Em suma, assumo que concordância (*agreement*) e concordância nominal (*concord*) refletem mecanismos distintos segundo os quais traços-φ se realizam em núcleos diferentes daqueles que os introduzem na derivação. Em particular, nesta seção enfatizamos como as formalizações de AGREE e CÓPIA DE TRAÇOS aqui adotadas estão sujeitas a diferentes restrições de localidade, o que se mostra relevante para a discussão na próxima seção.

2.2 Concordar ou não concordar: a especificação de gênero de *milhão*

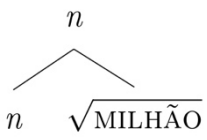
Consideremos, finalmente, a questão principal deste artigo, a saber, a variação em PB quanto às possibilidades de concordância nominal através de numerais nominais como *milhão*. A partir das considerações na Seção 1, partimos da hipótese de que constituintes de forma [MODIFICADOR *milhão de* NOME] são instâncias de DPs encaixados, em que *milhão* é o núcleo do sintagma principal.

Estruturalmente, portanto, o problema da variação em concordância nominal essencialmente diz respeito ao domínio de influência dos traços-φ do nome quantificado, representados com destaques de cor em (35). Nos dialetos padrão, os traços de gênero do nome mais encaixado são limitados ao domínio do complemento de *milhão* (35a), de modo que os modificadores do DP mais alto, aos quais tais traços não chegam, manifestam concordância *default* (*i.e.*, em [*masculino*]). Por outro lado, esses traços de gênero chegam ao topo do DP principal nos dialetos não padrão do PB de interesse (35b), marcando todos os elementos ao longo do caminho.

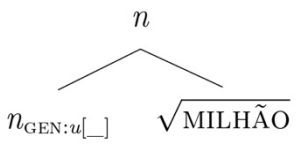
(35) a. $[_{DP}$ D $[_{NumP}$ $[_{AP}$ alguns] $[_{Num'}$ Num $[_{NP}$ $[_{N}$ milhões][$_{DP}$ de pessoas]]]]]
b. % $[_{DP}$ D $[_{NumP}$ $[_{AP}$ algumas][$_{Num'}$ Num $[_{NP}$ $[_{N}$ milhões][$_{DP}$ de pessoas]]]]]

Nesses termos, a variação se reduz ao controle da passagem dos traços de gênero de um domínio mais baixo a um domínio mais alto. A esse respeito, proponho que *milhão* é um nome simples nas variantes padrão (36a) que adquire uma sonda para concordância de gênero GEN:*u*[_] nas variantes não padrão (36b). Trata-se, portanto, de uma idiossincrasia morfossintática que está por trás da oposição de interesse no PB.

(36) a. Variante padrão

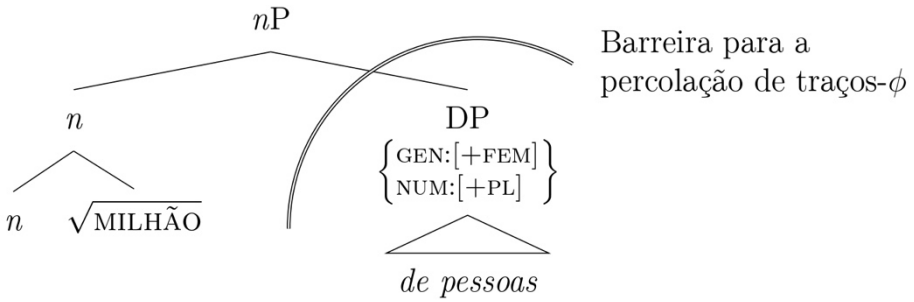


b. Variante não padrão



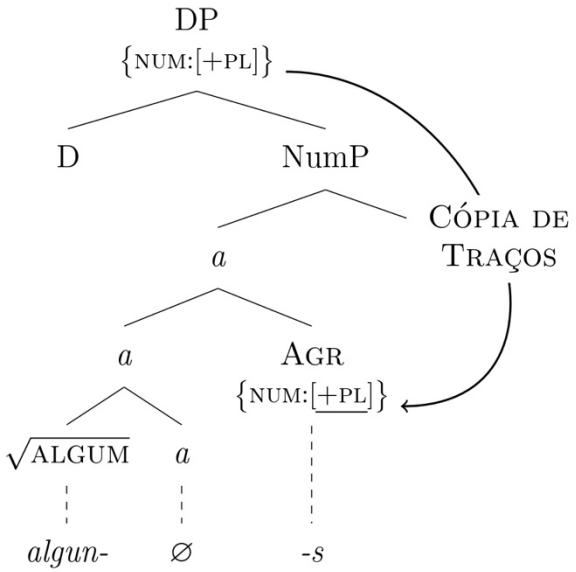
Para verificar os efeitos mecânicos dessa proposta, consideremos inicialmente as consequências de assumir (36a) para a variante padrão. Inicialmente, é crucial notar que o núcleo nominal [$_n$ *milhão*] e seu DP complemento não fazem parte da mesma projeção estendida, assumindo que uma projeção estendida é definida por um núcleo lexical e as camadas funcionais que a partir dele são projetadas (cf. Corver, 2013). Na verdade, *milhão* interrompe a projeção do nome quantificado e inicia a sua própria projeção. Crucialmente, retomando os princípios de percolação em (31), isso significa que os traços do DP complemento estão naturalmente "confinados" à sua própria projeção estendida (37).

(37) Sem gênero, *milhão* bloqueia a percolação de traços-φ



Na ausência de traços de gênero – que não são providos nem (morfologicamente) por *milhão* nem (estruturalmente) pelo DP complemento –, os traços-φ que percolam ao DP mais alto são somente aqueles introduzidos no DP mais alto, a saber, os traços de número oriundos de Num, no sintagma principal. Quando os núcleos AGR não são valorados para gênero, o que se observa é a concordância *default* em [*masculino*], isto é, a não realização de [+FEM] (38).

(38) Em uma estrutura sem gênero, só há concordância nominal de número

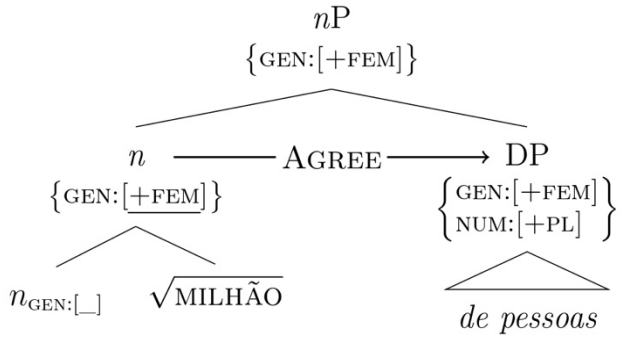


Passemos agora a discutir a implementação da variante não padrão. A seu respeito, é interessante pontuar que princípios gerais de percolação de traços garantem os dois domínios de concordância nominal que caracterizam não só o comportamento de *milhão* na variante padrão, mas também os perfis de concordância de numerais nominais femininos, numerais não cardinais, nomes de medida e nomes semilexicais (ver *Introdução*). Dessa forma, algo excepcional deve ser estipulado para fazer com que traços de concordância antes ilhados no DP complemento possam cruzar a fronteira entre projeções estendidas.

A hipótese formulada em (39) é que esse "algo excepcional" é uma sonda para concordância de gênero. Em sendo regido por AGREE (30), o traço não valorado para gênero sonda seu domínio de c-comando em busca de um alvo legítimo e, quando é feminino o nome quantificado,[15] encontra em seu complemento os traços para sua valoração.

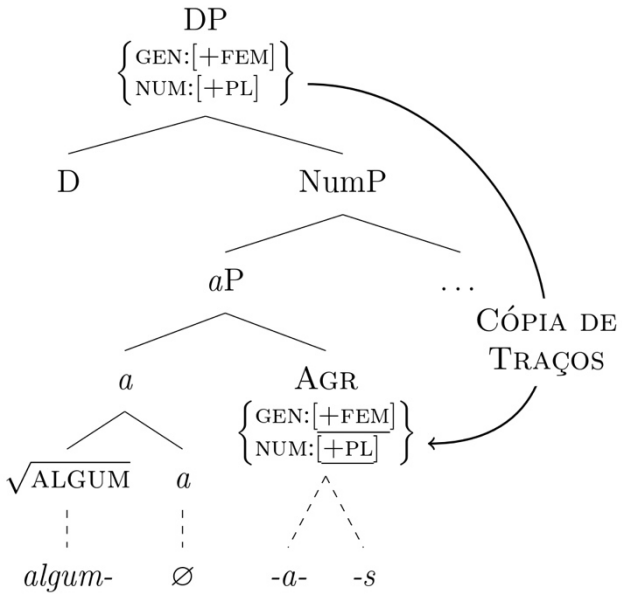
[15] Este trabalho se dedica somente a nomes quantificados femininos justamente porque é diante deles que há a oposição entre os dialetos do PB sob investigação. Tecnicamente, para lidar com o comportamento do dialeto não padrão diante de nomes quantificados masculinos, podemos assumir que, se a sonda não encontra um alvo legítimo no complemento de *milhão* (devido à ausência de traços de [+FEM] apropriadamente locais), a derivação segue sem especificação de gênero, determinando concordância *default* em [*masculino*], à semelhança do que acontece para os dialetos padrão.

(39) AGREE permite que traços de gênero cruzem barreiras



Uma vez que [+FEM] é projetado ao nível de *n*P, esse traço pode então percolar ao longo da projeção estendida principal até o DP mais alto, de onde domina todos os nós AGR relevantes para a concordância nominal via CÓPIA DE TRAÇOS. Assim, reconstruímos o padrão de concordância nominal característico dos dialetos não padrão de interesse.

(40) Traços de gênero projetam ao DP mais alto e determinam concordância



Em suma, a análise em termos de uma sonda de gênero na variante não padrão de *milhão* garante que traços de gênero antes limitados ao DP complemento possam percolar ao DP mais alto e determinar, a partir dessa posição, um único domínio de concordância de gênero.

3. Considerações finais

Este artigo explora o fenômeno da variação nos perfis de concordância nominal de gênero – em um ou dois domínios – em estruturas quantificadas por *milhão* e oferece uma análise que mantém a configuração sintática dessas estruturas e reduz a diferença à emergência de uma sonda para concordância de gênero na variante não padrão. Nestas considerações finais, saliento três questões que perpassam este trabalho e que julgo que devem ser consideradas por qualquer análise desse fenômeno.

1. A variação em número de domínios de concordância de gênero se correlaciona a alguma variação de natureza sintática?
2. Qual é a natureza da barreira entre domínios de gênero que caracteriza outros tantos nomes do PB?
3. De que maneiras é possível cruzar a barreira entre domínios de gênero?

A resposta aqui desenvolvida (i) mantém uma sintaxe homogênea entre as variantes, (ii) aposta no estatuto de núcleo nominal de *milhão* para estabelecer a fronteira entre domínios de gênero (o que, por sua vez, se baseia na hipótese de que traços *a priori* não percolam cruzando projeções estendidas) e (iii) apela para uma idiossincrasia morfossintática baseada em AGREE diante do problema de cruzar essa fronteira rígida.

Na continuidade deste trabalho, é de interesse manipular as possibilidades para cada uma dessas perguntas, buscando uma resposta que integre tanto quanto possível a variante não padrão a recursos morfossintáticos já disponíveis na língua. Dois conjuntos de dados parecem particularmente interessantes nesse sentido.

Em primeiro lugar, ainda na variante padrão, particípios podem concordar com o nome quantificado mesmo com a interveniência de *milhão* (41), o que levanta a pergunta da natureza da barreira entre domínios de gênero, que parece se manter para a concordância nominal (*dois* não acessa *pessoas*), mas não para a concordância verbal (*desempregadas* acessa *pessoas*).

(41) $[_{TP}\ [_{DP}$ Dois milhões de pessoas$_{[+FEM]}]\ [_{T'}$ estão $[_{PartP}$ desempregadas$_{[+FEM]}]]]$.

Em segundo lugar, sintagmas de múltiplos determinantes (42) apresentam, assim como a variante não padrão de *milhão*, apenas um domínio de concordância de gênero, mesmo com suas fontes ilhadas em DPs.

(42) a. um[*masculino*] tremendo[*masculino*] de [DP um[*masculino*] **vendaval[*masculino*]**]
b. uma[*feminino*] puta[*feminino*] de [DP uma[*feminino*] **chuva[*feminino*]**]
[Foltran, Nóbrega e Oushiro (2016)]

Trata-se de um domínio empírico mais variado e produtivo, a partir do qual uma comparação vantajosa pode ser explorada.

Palavras para Ana Scher

Este trabalho é fruto de uma pergunta que a professora Ana Paula Scher me fez em uma reunião de orientação, enquanto eu passava pela literatura sobre as propriedades nominais de numerais como *milhão*: "Ei, Fernando, mas não dá para falar '*duas* milhões de pessoas' também?". De certa maneira, escrever este artigo para este volume de homenagem é uma maneira de ilustrar o olhar (e ouvido!) sempre atento, curioso, afinado de uma pesquisadora que dedica sua carreira a uma série de riquezas como essa na nossa língua – e que muito me inspira por isso. Tudo se torna ainda mais prazeroso colocando na conta a pessoa absolutamente cativante, cuidadosa e humana que é a Ana Paula Scher. Trocentas milhões de outras coisas mais poderiam ser ditas, mas termino declarando meu profundo carinho e admiração por essa pesquisadora e mulher que celebramos neste volume.

Agradecimentos

Agradeço à professora Indaiá Bassani, à professora Paula Armelin e ao professor Vitor Nóbrega pela honra de participar deste volume de homenagem tão especial. Agradeço também às várias pessoas que deram contribuições no sentido de diferentes pontos deste trabalho: aos professores Jairo Nunes, David Embick, Matthew Hewett, Anna Grabovac e Renato Lacerda; aos colegas Lígia Cabral e João Pedro Cavalheiro; e, como sempre, à Marcela Nunes Costa. Pelo apoio financeiro,

agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – processos nº 2023/17997-0 e 2025/00602-8).

Referências Bibliográficas

ABNEY, Steven. *The English noun phrase in its sentential aspect*. 1987. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, 1987.

ADAMSON, Luke James. Gender allosemy in Greek. *Glossa*, v. 10, n. 1, p. 1–49, 2025.

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 45, n. 1, p. 5–15, 2010.

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. *Studies in Generative Grammar: Noun Phrase in the Generative Perspective*. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2007.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. Classifying Nominals in Brazilian Portuguese: a Unified Account for Gender and Inflectional Class. *In*: VESELOVSKÁ, L.; MARKÉTA, J. (eds.). *Proceedings of the Olomouc Linguistics Colloquium 2014*. 2014.

BELLETTI, Adriana. Sintagmi nominali quantificati e costruzioni dislocate a sinistra. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa: Classe di Lettere e Filosofia*, v. 9, n. 4, p. 1525–1568, 1979.

CARDINALETTI, Anna; GIUSTI, Giuliana. Partitive *ne* and the QP-Hypothesis. *In*: FAVA, E. (ed.). *Proceedings of the XVII Meeting of Generative Grammar*. 1992, p. 121–141.

CARSTENS, Vicki. Concord in Minimalist Theory. *Linguistic* Inquiry, v. 31, n. 2, p. 319–355, 2000.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. *In*: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge (MA): MIT Press, 2001.

CINQUE, Guglielmo. *Types of A'-dependencies*. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.

CINQUE, Guglielmo. *The Syntax of Adjectives: A Comparative Study*. Cambridge (MA): MIT Press, 2010.

CORVER, Norbert. Predicate movement in pseudopartitiva constructions. *In*: ALEXIADOU, A.; WILDER, C. (eds.). *Possessors, Predicates, and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

CORVER, Norbert. Lexical categories and (extended) projection. *In*: DEN DIKKEN, M. (ed.). *The Cambridge Handbook of Generative Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

DEN DIKKEN, Marcel. *Relators and linkers: The syntax of predication, predicate inversion and copulas*. Cambridge (MA): MIT Press, 2006.

ESPINAL, Maria Teresa; CYRINO, Sonia. The status of *de* in Romance indefinites, partitives and pseudopartitivas. *Studia Linguistica*, v. 76, n. 1, p. 167–211, 2022.

FOLTRAN, Maria José; NÓBREGA, Vitor; OUSHIRO, Lívia. Múltiplos determinantes em sintagmas nominais definidos e indefinidos do português brasileiro. *In*: PILATI, E. (org.). *Temas em Teoria Gerativa: Homenagem a Lucia Lobato*. Curitiba: Blanche, 2016, p. 173–186.

GIUSTI, Giuliana; CARDINALETTI, Anna. Quantifiers. *In*: DE CESARE, A.-M.; SALVI, G. (eds.). *Manual of Romance Word Classes*. Berlin e Boston: De Gruyter, 2024.

GRABOVAC, Anna. *Maximizing the Concord Domain: Concord as Spellout in Slavic*. 2022. Tese (Doutorado) – University College of London, 2022.

GRIMSHAW, Jane. Boxes and piles and what's in them: two extended projections or one? *In*: ZAENEN, A.; SIMPSON, J.; KING, T. H.; GRIMSHAW, J.; MALING, J.; MANNING, C. (eds.). *Architectures, rules, and preferences: Variations on themes by Joan W. Bresnan*. Stanford (CA): CSLI Publications, 2007. p. 199–206.

HALLE, Morris. The Morphology of Numeral Phrases. *In*: AVRUTIN, S.; FRANKS, S.; PROGOVAC, L. (ed.). *Annual Workshop on Formal Approaches to Slavic Linguistics: The MIT Meeting 1993*. Michigan: Michigan Slavic Publications, 1994. p. 178–215.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. *In*: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). *The view from building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

JACKENDOFF, Ray. *X' Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1977.

KATO, Mary. *Optional Prepositions in Brazilian Portuguese*. LINGUISTIC SYMPOSIUM ON ROMANCE LANGUAGES, 38., 2008, University of Illinois at Urbana-Champaign.

KATO, Mary; NUNES, Jairo. *A Uniform Raising Analysis for Standard and Nonstandard Relative Clauses in Brazilian Portuguese*. Manuscrito, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de São Paulo, 2008.

KRAMER, Ruth. *The Morphosyntax of Gender*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

LACERDA, Renato. *Middle-field syntax and Information Structure in Brazilian Portuguese*. 2020. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, 2020.

MERCHANT, Jason. *The Syntax of silence: Sluicing, islands, and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MILNER, Jean-Claude. *De la Syntaxe à l'Interprétation*. Paris: Seuil, 1978.

NEVES, Maria Helena. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NORRIS, Mark. *A Theory of Nominal Concord*. 2014. Tese (Doutorado) – University of California Santa Cruz, 2014.

NUNES, Jairo. Preposition Insertion in the Mapping from Spell-Out to PF. *In*: BROEKHUIS, H.; VOGEL, R. (eds.). *Optimality Theory and Minimalism: Interface Theories*. Potsdam: Universitätsverlag, 2008.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and the interpretability of features. *In*: KARIMI, S.; SAMIIAN, V.; WILKINS, W. K. (eds.). *Phrasal and clausal architecture: Syntactic derivation and interpretation*. Amsterdã: John Benjamins, 2007. p. 262–294.

SCHÄFER, Florian; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Case and Agreement in Distributed Morphology. *In*: ALEXIADOU, A.; KRAMER, R.; MARANTZ, A.; OLTRA-MASSUET, I. (eds.). *The Cambridge Handbook of Distributed Morphology*. Cambridge (MA): Cambridge University Press, no prelo.

SELKIRK, Elizabeth. Some Remarks on Noun Phrase Structure. *In*: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJAN, A. (eds.). *Formal Syntax*. London: Academic Press, 1977, p. 285–316.

VALLS YOSHIDA, Fernando. Uma abordagem morfológica às dezenas cardinais do português brasileiro: *-enta* como um sufixo derivacional. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 28, n. 2, 2024.

VIGNADO, Juliana. *A interface sintática e semântica na análise dos sistemas numerais do karitiana e do kamayurá*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2019.